



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: **Padre Américo** * Director: **Padre Luiz**

TRIBUNA DE COIMBRA

Por
P. Horácio

Calvário

Como nos anos anteriores também neste Verão percorremos algumas praias e termas do Centro a falar de Cristo a todos aqueles que O procuram, nas Missas dominicais.

E a nossa palavra foi a interpelação de Cristo a cada homem que já O encontrou e O quer seguir: — Quem dizem por aí os homens que Eu sou?

Um grande número não quer saber. Não lhe interessa. Basta-se a si próprio. Acredita que a vida é só na terra e instala-se.

Para outros, Cristo é um mito, profeta que já passou. Teve a sua época. Foi um homem da história como outros homens importantes.

Para outros Cristo é um mito. Um mito encantador que penetrou e conduziu muitos homens por caminhos irreais.

Mas também para muitos, Cristo é o Filho de Deus vivo. O Enviado do Pai para salvar os irmãos que são todos os homens. É o Irmão mais velho que ajuda todos os outros. É o grande Amigo que Se oferece para acompanhar cada um na jornada da vida. É o Companheiro de viagem na vida peregrina que cada homem tem de fazer a caminho da Casa do Pai. É a grande presença do Amor na terra, que quer unir todos os homens, formar de todos a grande Família, ensinar os homens a amarem-se como irmãos. Esta queremos que seja a nossa resposta.

E queremos que seja a nossa resposta mais na vida do que por palavras. Cristo presente em todas as vidas. Cristo presente em todos os lugares. Cristo no homem que governa e o quer ensinar a servir e não a dominar — «Eu vim

para servir e não para ser servido». Cristo ao homem que tem bens da terra e lhe vai dizendo que é só administrador e que os bens da terra são para bem de todos os homens. Cristo no homem que tem férias e vai dizendo que todos os homens têm direito a férias e há muitos homens escravos do trabalho dos outros. Cristo nos que fazem tratamento e vai dizendo que há muitos homens a morrer sem médico e sem assistência medicamentosa alguma. Cristo nos que fazem vida de casinos, cafés, esplanadas, boites e vai dizendo que a grande maioria da humanidade passa fome. Cristo nos que escravizam mais mulheres e vai dizendo que O continuam a prostituir e que continuam a nascer filhos sem pai.

Temos encontrado Cristo feliz na vida de muitos; mas continuamos a encontrá-lo escuraçado, faminto, andrajoso, mendigo, doente, flagelado, sem família, sem amigos, crucificado, sem vida.

Esta é a nossa resposta a Cristo e foi o que transmitimos aos irmãos que nos escutaram. Vimos lágrimas, vimos acenos, vimos sorrisos. Vimos respostas no dar das mãos.

Que em todos os momentos da nossa vida saibamos reconhecerê-lo.

Hoje acercaram-se do Calvário inúmeros visitantes. Os domingos trazem-nos sempre muitos. Alguns vinham para ver os Doentes que aqui temos. Outros para falar dos que lá têm em suas terras. Entre estes um discreto casal do Porto. Vinha deveras preocupado com a situação angustiante de uma pobre mulher cancerosa que mora numa sombria ilha dos Guindais.

O marido abandonou-a. Ela, resignada, ficou só e de cama numa pequena casa daquela ilha sobranceira ao Douro. Enfermeiro do Dispensário local vem diariamente fazer-lhe os pensos necessários e levar algum alimento. Mas isto não basta, pois a pobre Enferma vive só e em grande debilidade física e muito maior moral. Eles — diz a esposa, falando pelo casal — não se sentem bem com a sua consciência, enquanto não encontrarem solução eficaz para o problema aflitivo da pobre Doente. Perderam o sono, o sossego, a paz.

Eu deixei falar. Gostei muito de os ouvir falar. De os saber inquietos. E depois disse-lhes que podiam contar com uma cama macia e acolhedora para a pobre Doente dos Guindais.

Quem alguma vez se meteu nestas andanças de visitar e conviver com os Pobres sabe como é: — a inquietação dos outros passa a ser a nossa. E a gente nunca mais tem sossego, nem deixa sossegar aqueles que privam de perto conosco para os inquietar também, para ver se todos conseguimos minorar o peso da vida de alguns — sobretudo dos Pobres — e ajudar com alguma eficiência os mais fracos e débeis.

Ajudar alguns! É pouco... É pouco? Sejamos humildes e faremos muito!

Padre Baptista

Malanje

Até o sol ao despedir-se

Ficou polido e triste.

Na cidade-fantasma

Não há vida...

Nem um choro de criança!

Os buracos das portas arrombadas

E montras partidas

São fontes de desolação!

Onde os vasos de flores

Que as donas regavam toda, as manhãs?

Tudo invadido pela fúria do saque!

Os mortos esperam sepultura...

Não vejo uma pomba,

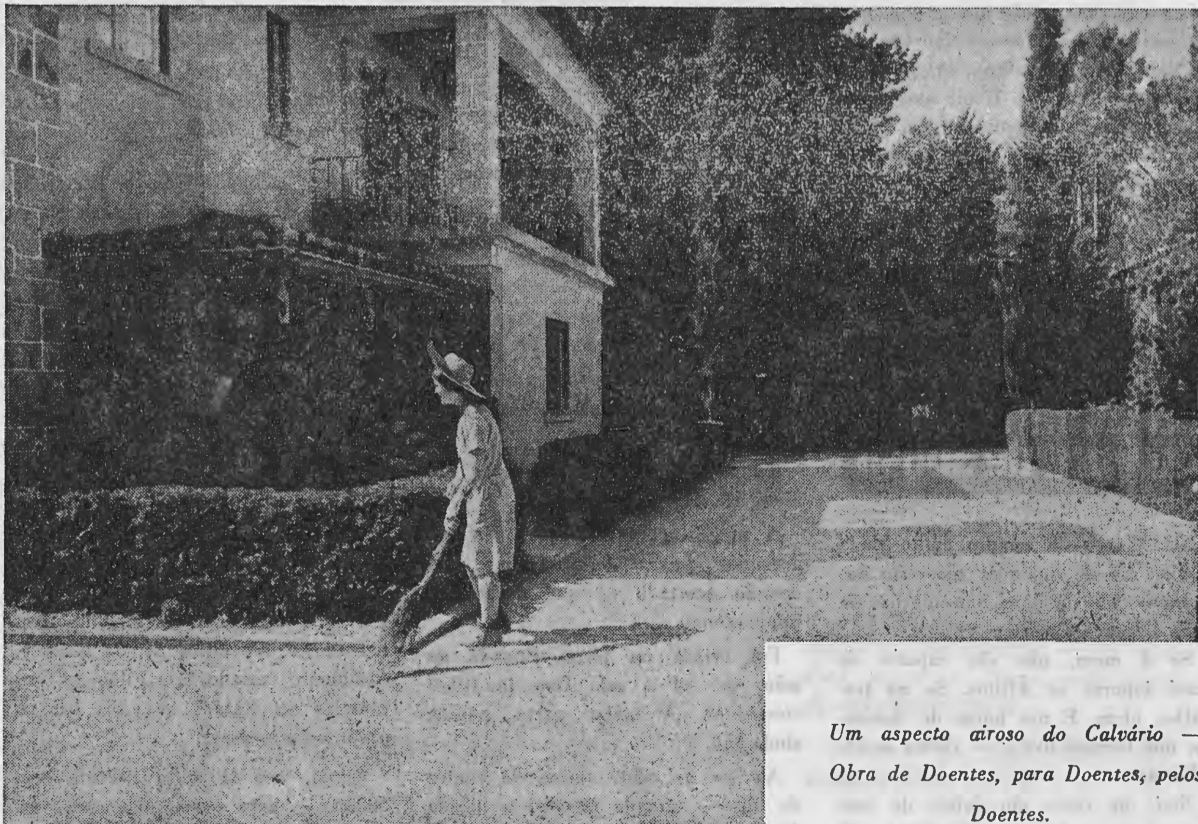
Nem uma andorinha!

Vou entrar na Sé

E aí falar com gestos ao Senhor.

2/9/75

Padre Telmo



Um aspecto aéreo do Calvário —
Obra de Doentes, para Doentes, pelos
Doentes.

PELAS CASAS DO GAIATO

malanje

ELEIÇÕES — Ao fim de quase três anos comigo na chefia, houve eleições em nossa Casa. Não houve antes porque não havia entre quem as fazer. Mas agora que o grupo de grandes já é razoável, resolvemos fazer novamente eleições.

Para este acto solene escolhemos o lugar mais importante da Aldeia — a Capela.

Num domingo, em Julho, após a oração da tarde, estávamos todos reunidos na Capela. O sr. Pe. Telmo aproveitou novamente para dizer qual o dever de cada Rapaz ao escolher o Chefe e qual a responsabilidade de cada um no seu voto.

Após isto, eu — chefe cessante — disse quais as regras da eleição, fazendo, em seguida, a distribuição de lapiseiras e papéis por todos os que haviam de votar.

Eram elegíveis os que tinham mais de 17 anos e davam seu voto os que tivessem a 4.ª classe feita e estivessem há mais de um ano em nossa Casa. Mas também aceitámos o voto de alguns sem a 4.ª classe, mas com idade avançada e responsabilidade para darem o seu voto.

Os ex-chefes (eu, André e Laurindo) fizemos a leitura dos votos que recolhemos ficando pela seguinte ordem: Camacho II, o maioral; seguiu-se-lhe o Mário, depois o Camacho I, o Rablais e o Jorge com um voto.

Ouvimos umas palavras do Camacho II que é o actual chefe-maioral; falou-nos o Mário, sub-chefe e chefe da casa 2, o Camacho I chefe da casa 3, o Rablais sub-chefe da casa 2 e o Jorge sub-chefe da casa 3. Depois de os ouvirmos a todos, despediu-se o Laurindo, o André e eu que também lhes dissemos qual a responsabilidade que iam tomar a partir daquele momento e que prometíamos ajudá-los sempre que de nós precisassem, pelo menos enquanto cá estivermos. A sessão foi encerrada com umas palavras de agradecimento do nosso Pe. Telmo aos chefes que acabaram de entregar seu cargo e elucidando novamente os novos do peso de que tinham tomado posse.

Joaquim Carlos Fernandes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

MISSÃO — É sempre muito cheio o dia-a-dia de qualquer recoveiro dos Pobres! Não dá para especulações ou para divagações teóricas.

Se à mesa, não são capazes de fazer esperar os Afritos. Se no trabalho, idem. E nas horas de descanso, nos tempos livres — visitas domiciliárias.

Sim; às vezes são juizes de paz, mas noutras bodes espiatórios! «O sal...» — diria Pai Américo.

Não somos ingénuos! Sabemos com quem lidamos. A tarimba é mestra e conselheira. Basta procurar fazer o que se faz com boa intenção. Esperar contra toda a esperança. E, quando enganados — hoje, amanhã, depois... — sacudimos o pó. E continuamos. Revigorados!

O Pobre merece respeito, muito respeito! Até em suas carências peculiares... Muito mais graves são as injustiças e omissões de que são vítimas — as piores vítimas!

Quem anda nesta missão a discriminar, por dá cá aquela palha, à espera do bom, pior ainda do óptimo, a criar o seu mundo ideal, bem depressa fica enjoado! Seria preferível não pôr as mãos no arado.

ALCOOLISMO — À nossa frente, uma mulher prostrada. Olhos e ossos pisados. Torcida de dores!

O homem dela já não bebia. Tornou a beber..., e é o que vê — afirma a companheira de sacrifício.

— Se não for possível segurá-lo, teremos de o internar novamente, para mais um tratamento de desalcoolização.

A vítima não dizia quê. Gemia. E, lá por dentro, era um turbilhão!

Trazia uma receita do médico, que a assistira. Encaminhámo-la prá farmácia. E o vicentino procurará a melhor solução para o caso.

Os filhos sofrem. Os maiores sofredores! Quando lhes batemos à porta, o nosso coração estremece! Daí, apeter-nos motivar uma quinta divisão de combate ao alcoolismo — não ao vinho, néctar precioso e pão sacrificado de milhares de portugueses.

As crianças sofrem! É a subalimentação, o raquitismo, o atraso mental — as taras congénitas — a rua e as consequências da vadiagem.

— Ela também não tem bom feitiço — esclarece o recoveiro dos Pobres. Ele fecha-se com a massa e... o resultado é isto!

— Temos de botar a mão. Já! São Pobres...

DECISÃO ACERTADA — Aborda-nos, pesarosa:

— Não tenho recebido a pensão de sobrevivência! Na sua ausência pedi pra lá que não queria receber o dinheiro pelo Banco, que viesse por vale do correio. Assim, deixaria d'ir a Penafiel todos os meses... Será por isso?

— A coisa é capaz de ter emperado por aí, sim senhor.

Escrevemos. Pedimos esclarecimentos. Implorámos urgência. Até hoje, nada de nada!

Estamos habituados a bater em ferro frio...!

A propósito desta Viúva, não poderíamos deixar de sublinhar uma decisão acertada — que muito nos impressionou.

Foi criada na terra. Enxada na mão, de sol a sol. Tem já filhos crescidos. A maior parte, porém, ainda não.

Ao ver as mãos cheias de contos de réis — quando recebeu a bolada da Caixa — recomendámos seca e meca pra não se desfazer das mas-

sas. Não faltam conselheiros e conselheiras e tentações...

— Esteja descansado! Vou pensar. E pensou bem! Fez o melhor:

— Comprei um gadinho...

Tão contente!

— Vou tendo erva e cuidando do gadinho. Vou tendo o suficiente prós meus filhos, disse-nos oportunamente...

E, agora, amantanhada pelo impasse dos burocratas!

É uma Viúva de meia idade. O preto dos pés à cabeça. Os brincos d'argolas. O cordão franzino ao peito. O lenço na cabeça. A taleiga no braço. Viúva tradicionalista.

O quadro deu-nos que pensar. Sobretudo pelo equilíbrio desta mulher do Campo, que não vai além dos quarenta anos.

Poderia perder a cabeça. Desgovernar. Não senhor! «Comprei um gadinho. Vou tendo o suficiente prós meus filhos...»

Que rico exemplo, o desta Mãe!

PARTILHA — Do Porto, a assinante 2811, com 400\$00. Uma «Velha Amiga», de Lisboa — com a delicadeza de sempre! — segue com mais 100\$00. Ainda do Porto, 350\$00 do assinante 24481. E que dizer daquela presença assídua e tão oportuna de Vancouver — Canadá?!

Agora, prestemos atenção a um Vicentino lisboeta:

«Quando Cristo bate à porta, creio que nem o mais refinado ateu e materialista deixaria de lh'A abrir. E se o não fazem é por ignorarem que é Cristo que bate em pessoa.

E, no entanto, é simples sabê-lo: quando um irmão necessitado nos bate à porta em demanda de auxílio é o próprio Cristo, nele personificado, que bate à porta.

Por intermédio do nosso Jornal, mais uma vez Cristo passou e bateu na minha porta, na pessoa daquele Pobre mencionado nas «Notícias da Conferência de Paço de Sousa».

Enquanto não me tirem a chave... apresso-me a abrir a porta e aqui vão mil e cinquenta escudos.

Agradeço uma oração por Portugal e por minhas filhas.»

Mais 50\$00 de Castelo Branco e uma observação cheia de oportunidade: «Se todos os que organizam comícios e mesas redondas se reunissem a tratar concretamente dos problemas dos Pobres e que são tantos, quantas coisas boas já se tinham feito?!» Verdade, verdade, verdade!!

A presença habitual da assinante 17022, de Portalegre. A seguir, passa a senhora Aida, antiga cigarreira, ora em S. Paulo, Brasil, com 500\$00 — pela mão de um antigo camarada de trabalho a quem mandamos mais um forte abraço. A partilha dos Trabalhadores, específica de «O Gaiato», é dinheiro sagrado. É o Filho do Carpinteiro de Nazaré que nos bate à porta todos os dias!

Agora, vem lá outra lisboeta com 500\$00 — para acudir a um caso urgente. «Duas irmãs de Leiria», também com 500\$00, «sufragando as almas



Os filhos do Vasco — de Paço de Sousa.

das nossas obrigações». E mais 300\$00, da capital, «em acção de graças, por minha filha, que começa a sua vida profissional hoje, dia 1». Um testemunho de paternidade cristã!

Os habituais 20\$00 de amigo de D. António Barroso — um grande Bispo! Mais 100\$00 de Anónimo. E o mesmo de Helena, da capital, que pede «uma oração por um futuro melhor para todos nós e também para um filho casado há pouco». E acrescenta: «Que Deus dê a todos paz, pão e trabalho».

Por fim, a perseverante «Assinante do Seixal» marca presença com os «1.000\$00 da partilha habitual — com toda a fraternidade». Ó legenda! E mais «uma pequena quantia» duma senhora com 83 anos, de S. Victor, Braga, que afirma: «Já devia ter mandado, mas o tempo é pouco, estou longe de tudo; é esse o motivo da demora. Seja para o que achar melhor». Delicadeza cristã!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DE COIMBRA

FÉRIAS — Férias é um termo que nos faz lembrar muitas coisas. Sei lá: acabam-se as aulas, vai-se prá praia, vai-se passear, etc., etc.

Como isto todos os anos acontece, todos os anos o nosso Lar de Coimbra quase fecha nas férias.

A Senhora continua lá com os Rapazes que trabalham. Também, quinzenalmente, os vendedores de «O Gaiato» se reúnem lá.

Mas hoje há outra coisa que me leva a falar do Lar. É que em 29 anos de existência, celebrou-se lá, pela primeira vez, no dia 23 de Agosto, um casamento de um irmão nosso, que fez dele a sua casa paterna.

Pois a nossa Casa foi escolhida pelos noivos, ambos professores primários, para celebrar e festejar a união deles — do nosso Manuel Cesário com a Manuela Gil.

O Manuel Cesário foi em pequeno para a Casa de Paço de Sousa. Lá fez a 4.ª classe e, depois, por motivos familiares, veio para a nossa Casa de Coimbra, onde tirou o Curso Geral dos Liceus e ao mesmo tempo foi um bom chefe.

Depois, entrou na Escola do Magistério Primário e tirou o curso de professor. Veio a tropa. Depois de alguns meses cá, foi para Moçambique.

De regresso a Portugal voltou à sua antiga Casa — que ainda continua a ser sua.

Há uns meses atrás convidava um grupo grande de Rapazes para o seu casamento. O grupo era constituído por casados e solteiros que ainda foram seus companheiros de curso no Colégio Pedro Nunes. (Por sinal até no casamento se encontravam as directoras que o ajudaram muito, oferecendo-lhe pelo menos o 5.º ano.)

Do grupo faziam parte alguns dos nossos pequeninos com as nossas Senhoras.

O grande dia chegou. Lá estavam então familiares da noiva e nós que éramos a família do Manuel.

A cerimónia presidiu o nosso Pe. Horácio. Foi simples e delicada. A santa Missa foi cantada e acompanhada à viola por um grupo de jovens.

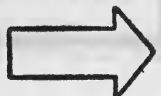
No fim, como em todo o lado, houve o banquete. Bastante gente, claro; e a festa durou até às tantas, enquanto que as bebidas e outras coisas escorriam pelas gargantas.

Foi mais um a juntar ao número dos muitos que hoje estão a singrar na vida, para quem a Casa do Gaiato foi a sua Família.

Foi também mais uma festa da nossa Família.

Desejamos ao novo casal muitas felicidades.

Benjamin Domingos



«O LODO e as ESTRELAS»

Continua em maré alta!

Recebemos, diariamente, de todos os pontos do País, muitos pedidos de «O LODO E AS ESTRELAS». Seja por intermédio do postal RSF (resposta sem franquia) que introduzimos na penúltima edição de «O GAIATO», seja pela correspondência normal e, até, pessoalmente.

Hoje, por exemplo, fomos abordados por um sacerdote e dois leigos que vieram de propósito a nossa Casa por mor de «O LODO E AS ESTRELAS». São duma zona mineira, suburbana do Porto, onde abundam Silicóticos. Levaram 25, de enfiada; além das obras não esgotadas de Pai Américo.

Habitados, como estamos, de velha data, a ver só o pároco fazer e desfazer, aqui não. «Quem arruma contas é F.» — leigo consciente e responsável — «porque já temos a nossa Comunidade organizada» — acrescenta, com ênfase.

Há uma nota interessante no meio da procissão: aquelas almas

que não guardam só para si, enterrando sovina e tesouro, que apodreceria com o tempo. Motivam seriamente toda a gente, da sua roda. E a colheita não é com eles. Resultado: «Ouvir falar de «O LODO E AS ESTRELAS» e dos livros do Padre Américo, que gostaria de ler. Mandem-nos já...» Outros apaixonados enveredam por ofertas: «Peço que enviem, até ao dia X, um livro para..., como prenda de aniversário».

E o que dizer deste postal?: «Recebi «O LODO E AS ESTRELAS» que tinha pedido, bem como «O CALVÁRIO». No próprio dia em que o recebi ofereci-o a um Tio meu que veio a minha casa e, como eu, o conhecia da primeira edição e que por razões conhecidas não o tinha podido adquirir. Peço-lhe, por isso, que me envie outro exemplar para mim ou para pessoa amiga que por ele se apaixonou...»

«O LODO E AS ESTRELAS» mexe com muita gente. É uma

bicha de rabião! E, sendo assim, continuamos na linha demarcada — a palavra para o Leitor. Ai vão, pois, mais alguns extractos das muitas cartas e postais que, todos os dias, caem em cima da nossa mesa de trabalho.

S. Mamede do Infesta:

«(...) Uma preciosidade! A joia proibida, em tempos não muito distantes, para que o mundo desconhecesse o crescimento do flagelo de toda uma miséria vergonhosa, repugnante, acaba de ver a luz do dia em toda a plenitude da verdade. A obra do Padre Telmo é mais um dos milhentos e milhentos testemunhos a confirmar o desprezo que existe entre a raça humana, de homem para homem, e a desvendar o astucioso arrojado de quantos se dizem bons, passando de olhos fechados e ouvidos moucos!

Todos estamos, no mundo, «O LODO E AS ESTRELAS» também. O «teatro» do Homem con-

tinua. Agora, só os «cegos» não vêem a Verdade...»

Lisboa:

«Acabo de receber, por vossa iniciativa, o livro do sr. Padre Telmo.

Comecei mas ainda não o li todo e para que não aconteça esquecer-me de retribuir o vosso cuidado e incentivar a levadas por diante as directrizes que traçasteis de editar obras dignas e um jornal que paradoxalmente (mas só no nome) é «Gaiato», mas se impõe a uma «pseudo imprensa» que de «adulta» nada tem, junto envio 100\$00. Não será grande retribuição para uma obra que prevejo valiosa e cuja ilustração é das que sinceramente admiro, porque creio todos compreendem e não só os «eleitos», de cujo número não faço parte (sem pena!)...»

Outra, da capital:

«(...) Neste plano de férias o aceipe com que desperto o apetite costuma ser um livro do nunca esquecido Padre Américo.

E guardo para esta ocasião o que durante o ano sai da Editorial da Casa do Gaiato. Calhou-me, por isso, tomar conhecimento de «O LODO E AS ESTRELAS» e reler o «DOUTRINA», assim como pôr em dia a minha «assinatura» com o cheque que junto, um terço mais ou menos do dízimo do subsídio de férias. Daqui deriva a consciência do pouco valimento no Tribunal de Contas do Juízo Final.

Se tiverem dois minutos de paciência, deixo-lhes duas impressões fugidias, corrente cálam acerca do que me feriu salutarmente nos dois livros. Começo pelo «LODO...» — o primeiro que li, à uma pela curiosidade de saber do modo como Padre Telmo faz as tomadas de vista, à outra porque quis reflectir e saborear, como quem se detém na sobremesa deliciosa que faz render, prolongando-a, a doutrina do nosso mestre de dizer e predestinado apóstolo comum Padre Américo.

Do «LODO...» direi que foram novidade para mim os fragmentos, e quadro de vida dos negros de Angola, porque o que melhor conhecia eram os tratos com os contratados nas plantações de chá em Moçambique. E quanto aos trabalhos nas barragens, parece-me que actualmente a assistência já não está no conflagrador e desumano zero relatado. (...) Para não me alongar mais, direi só que «O LODO...» me ficou como um diário impressionista, carregado de pedras arremessadas contra a vidraça dos nossos preconceitos e de aquarelas de frases ásperas, sem retoque nem lima, sem roupagem nem rodeios, umas e outras ferindo na sua trajectória rectilínea e exibindo a beleza das plantas silvestres em terreno bravo e não ajardinado.

Entro agora na seara fértil e sazoadada do «DOUTRINA», onde tudo é riqueza e beleza e inspiração evangélica. Fiz uma experiência: li em primeiro lugar o último capítulo. Pois digo: que bom foi começar pelo fim! Porque não se trata de sequência cinematográfica, nem de romance, mas de tomadas, em flagrante, de retábulo do cotidiano, pode-se, afinal, pegar por qualquer ponta, começar sem escolha de ponto de partida. Qualquer que este seja, somos sempre conduzidos ao cerne, ao fundo, à alma, à verdade interior e inutável. Lembra a virtude daqueles retratos que, olhados de qualquer ângulo, nos olham sempre a nós... E sem querer fixar a lição: os olhos do Senhor vêm-nos de e em todo o lado. E esta ajuda a não esquecer — a lição do capítulo final: dar consoante a necessidade do Irmão, com espírito de desprendimento.

Recobro a rotina e leio o primeiro capítulo — o das «paradas» de caridade — lição nada má para começar a esclarecer, para ensinar como deve ser feita a justiça. Seguem-se os outros capítulos, de enfiada e em dois dias leu-se o livro, sem risco de entortamento...»

Ficamos por aqui. Até à próxima, se Deus quiser.

MIRANDA DO COURO

AGRICULTURA — A nossa vida do campo tem sido um ponto que já há muito não focamos, em consequência de outros temas que mais nos atingem ou talvez porque nos passa despercebido.

Começo por vos falar na nossa colheita da batata.

Graças a Deus e aos nossos trabalhadores, tivemos uma colheita bastante farta.

Foram cerca de mil e duzentas arrobas e parece-me que são o necessário para todo o ano.

Tanto a sementeira como a colheita são tudo fruto de nós, Rapazes, e quando fazemos uma apanha deste género, certamente que o sentimento que nos abrange é a alegria, pois sabemos como vai a carestia da vida por esse mundo fora.

Terminada a apanha da batata vem em seguida o milho.

Como não era de prever, o nosso milho está bastante bonito, mas não tão farto como no ano passado. Mas enfim..., nem sempre tudo pode correr tão bem como julgamos ou pensamos, embora nem isso corra sempre conforme desejamos. O que é certo é que temos que aceitar a Natureza tal qual ela é.

Começamos já com a desfolha, tendo anteriormente tirado a ponta. Enquanto fazíamos isto, dois grupos dos mais pequenitos, com os seus chefes, cada um com a sua latita na mão, andavam por entre o milho a apanhar o feijão seco, que em seguida será debulhado e posto no celeiro.

Todos nós devemos estar mentalizados de que para se obter bons resultados é preciso trabalhar e, acima de tudo, que o façamos com amor e com esperança.

E, depois das sementeiras, chegou a altura de falar também nos resultados da nossa fruta.

A este respeito posso também concretizar que este ano a fruta em nossa Casa, especialmente maçãs, foi

como que uma avalanche, pois, as pernadas das árvores já não podiam com tanto fruto!

Por esse motivo elas ansiavam que alguém olhasse para os seus ramos e as ajudasse a suportar tanto peso, pondo-lhes apoios.

Em consequência disso, eu fui quem as escorou, andando aproximadamente uma semana para o fazer.

Procurei trabalhar com amor e cheguei ao fim satisfeito. Temos um mundo de maçãs!

As nossas uvas também não se deixaram ficar atrás; elas souberam mostrar-nos o que realmente gostamos de ver.

Sem dúvida alguma, tivemos um ano que a todos deixará qualquer coisa de alegria e felicidade.

Manuel António

Mira

É a nossa Praia.

Eu gosto muito dela. Tanto que há dias sonhei e vi-a tão bonita! Conto-vos o sonho:

Via os Pescadores suados e a gritaria acima do barulho das ondas. Calças arregaçadas a saírem com o barco do mar e os rapazes a atarem as grossas cordas que os bois puxavam com grande esforço pelo areal acima. Não estavam no lugar do costume, mais a norte, numa zona limitada e onde só acorriam as pessoas interessadas em ver, comprar peixe e fotografar esta cena típica do nosso Portugal.

Mais a sul, banhavam-se os veraneantes. Mar muito calmo. E eu, admirado, olhava os quebra-mar onde se desfaziem as ondas que outrora rebentavam fortemente, juntinho à praia. A areia, tão limpa, dava gosto ver; mas eu lembrava-me e admirado comprovava que as garrafas vazias, os papéis e o alcatrão haviam desaparecido.

A avenida marginal via à noite. Estava tão linda! As luzes reflectiam-se na água calma, que espelhava,

dando um aspecto maravilhoso ao mar.

E a Barrinha? Agora, sim! Nada de lixos, nada de lavadeiras e miúdos nús a lavarem-se. Havia provas náuticas! Os barcos corriam numa água funda e da varanda verde e de todas as bordas avarandadas as pessoas viam e aplaudiam o espectáculo entusiasmadas. Mas isto foi um dia. Noutro, já se podiam ver os bonitos barcos e gaivotas que na quietude do lago davam um colorido maravilhoso.

Estou a ver as regatas e onde havia de ser? É na ria que sai da Barrinha em direcção à Barra de Mira, alargada, e com os muros consertados. Nem a conhecia!

Olho, agora, a floresta verde, colorida por milhares de tendas de campanha. Mas não havia moscas, pois os serviços de higiene eram bem eficientes. Aspirava-se apenas o cheiro a floresta e não sei por que arte não havia resíduos em decomposição que outrora abundavam! Vejo além uma parte que tinha sido vedada com arame farpado e destinada aos jovens que, fazendo jus à liberdade, o haviam retirado, sendo agora livre o acesso e estavam lá tantos jovens!

Os viveiros e seus peixes e as pessoas que gostam de os ver. A água é límpida. Não há apenas uma qualidade, mas várias. Alguns deles são grandes, que fazem a alegria das crianças que lhes lançam bocadinhos de pão.

E assim continuo a ver toda a Praia de Mira, tão modificada! Ia-me sentindo estranho...

E os nossos que durante os meses de Verão gozavam as suas férias sentiam-se muito felizes. Notei que não era apenas por estarem na praia, mas por estarem naquela praia — em nossa Casa airosa, no meio dum bonito bairro onde se vivia em clima de fraternidade que a todos envolvia.

Agora, acordo...! É pena ter sido um sonho! Mas fica a esperança de que possa vir a ser quase tudo uma realidade palpável...

Lita

PAÇO DE SOUSA

PARTIDA — Partiu no dia 9 deste mês a menina Trindade e quem veio substituí-la foi a sr.^a D. Maria Angélica, que após umas férias, regressou.

Depois de todo o trabalho que a menina Trindade teve a marcar a nossa roupa, foi uma pena ter-se ido embora!

Também olhava pelos mais pequenitos, os da casa 4 r/c.

Fez-nos muitos curativos e até tratou algumas doenças, a nossa ex-Enfermeira.

Esperamos, pois, que o seu regresso seja para breve. Resta é ter esperança!

Boa sorte.

Marcelino

Peregrino

Olho para as estrelas
Escuto o que me dizem
Obedeço ao que me mandam
Faço da noite o meu dia
Prossigo minha jornada.

— Lua cheia, redondinha,
Quero tua companhia.
Multidão não me diz nada.

Montes altos e desertos
Pedras toscas e amarelas
São o meu itinerário.

— Oh moínho abandonado
Sem porta e sem janelas,
Vento levou teu telhado
Suas aves e lamentos...
Para longe, sem cuidado.

Rio Este não se cansa
Das noites de temporal.
Sol doirado não demora.
Pastor leva o seu rebanho
Para os campos a pastar
Com flauta acompanhando
Da sua terra, o cantar.

Manuel Amândio

Júlio Mendes

O nosso Jornal

Uma sobra de jornais, resultante já da menor remessa delas para África, motivou visita antecipada a algumas das terras aonde contávamos ir nas duas vendas de Setembro, que assim, com este número, serão três. Serviu de prospecção.

Os Rapazes regressaram felizes pelo carinho com que os acolheram. E foram aproveitando para esclarecer as pessoas da razão profunda deste aparecimento imprevisto: Campanha de Assinaturas.

Muitos não esperaram pelo Postal RSF que acompanhou o número passado de «O Gaiato» e aderiram desde logo à campanha. Quantos irão responder depois da primeira venda programada, não posso agora dizer, porque à hora em

que escrevo, esta venda ainda não foi.

É bom que «O Gaiato» circule por muitas mãos. Sem jamais enjeitarmos as realidades dolorosas e incarnadas, o nosso jornal é um lugar de Esperança, uma demonstração de que a Bondade não desapareceu da face do mundo, um clamor de boa-nova com sabor de Evangelho.

Os homens, em directo ou por absurdo, dão constante testemunho da fome d'Ele que os devora. Estão intoxicados pelas ideias sedícias de tantas cabeças de sentenças estereis e aspiram pelo regresso à fonte de água-viva: a Boa-Nova que Jesus Cristo «naquele tempo» nos trouxe e de cuja comunicação nos responsabilizou pelo

tempo em fora. Ou somos Seus vigários, ou somos vigaristas, se aceitarmos o nome de cristãos e enjeitarmos a missão que o nome comporta.

A Fé e a Esperança são o motor das realizações válidas do presente em ordem ao Futuro. Não produzem alienação. Não alimentam a inércia diante dos problemas que todos os dias se levantam. Pelo contrário, dinamizam, aqui e agora,

«Meus bons amigos:

Permitam-me que assim vos trate porque é assim que aparecem no meu espírito. Não vos conheço a nenhum pessoalmente — tive no entanto a enorme felicidade de conhecer o Padre Américo pessoalmente, comendo à mesma mesa na velha Casa de Paço de Sousa, com ele e um grupo de colegas da minha Faculdade de Farmácia, de que na altura era aluna. E há quantos anos isso foi, meu Deus! No entanto, por ter nessa altura pouco mais de 20 anos e um coração cheio de ideais políticos, diga-se de passagem, bastante avançados, a figura desse Homem gravou-se de tal modo no meu espírito que se tornou para mim um símbolo! Um símbolo duma fé que, infelizmente, não tinha,

a construção da Vida, que já começou para cada um dos vivos e se projecta na Eternidade.

Quem corta aos homens as asas de Infinito a que ele foi destinado comete delito de lesa-humanidade.

«O Gaiato» é feito com vida, tinto com sangue — esse o tempero acre e doce que o torna necessário, que o faz desejado.

Nós queremos ser fiéis ao mandato do Senhor, à nossa vocação. Por isso temos de dar tudo para que «O Gaiato» vá ao encontro dos homens a sugerir a conversão incessante a que nenhum de nós se pode furtar até ao derradeiro suspiro.

Os nossos Rapazes aí o levam. Em tempo lectivo não poderão despachá-lo em tamanha extensão.

Importa, pois, que venha o postal, que venha de qualquer sorte, o recado a pedir a assistência.

O resto virá por acréscimo.

Padre Carlos

Novos Assinantes de «O GAIATO»

● CAMPANHA DE ASSINATURAS

A hora que rabiscamos este apontamento, anda por lá o grupo de pequeninos embaixadores de «O GAIATO» batendo localidades nortenhas que nunca receberam a visita assídua do nosso jornal.

Tarefa aliciante!

Havemos de conversar com alguns; ou, até, eles próprios revelarem pelo seu punho notícias dessas terras e gentes.

No entanto, e como primeiras impressões, «François» e «Tiroliro» foram tão bem sucedidos numa visita antecipada a Rio Tinto e Gondomar — zona suburbana do Porto — que estão mortinhos pela edição seguinte!

«Levámos poucos. Despachámos os jornais num instante!» — afirma «Tiroliro». E acrescenta: «Na próxima vez (ou seja na última edição) é que vai ser! Os jornais levam já lá dentro os postais para carregarmos novos Assinantes...»

São os postais RSF (resposta sem franquia), feitos expressamente para esta campanha-relâmpago. Leitor eventual, interessado na assinatura de «O GAIATO», preencherá no dito o seu nome e morada — com letra bem legível — coloca-o depois no primeiro marco do Correio e terá, assim, «O GAIATO» em sua casa de quinze em quinze dias.

Os mais apaixonados dessas terras, querendo, poderão servir-se ainda do postal para nos indicar, no máximo, mais quatro novos Assinantes — desde

que os propostos dêem um sim categórico. De contrário, não! Seria uma aventura. Vamos, antes, trabalhar pelo seguro, que é mais delicado. E, sobretudo, pelo que interessa: ser «O GAIATO» um traço de união, um bem desejado e não um habitante assíduo do caixote do lixo...

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Hoje, a procissão vai muito recheada. Não anda muito aquém dos cem novos Assinantes!

Com um ror de gente vão Ermesinde, Coimbra, Gaia, Braga, Castelo Branco, Águas Santas (Maia). E, seguidamente, passa Mangualde, Benavente, Cartaxo, Tarouca, Amarante, Vila Flor, Espinho, Atouguia da Baleia, Lousa de Cima, Senhora da Hora, Nagoselo do Douro, Curvos (Esposende), Moledo do Minho, S. Julião do Freixo, Arcozelo (S. Pedro do Sul), Lagares (Douro), Fafe, Viana do Castelo, Fogueti, Setúbal, Reconco (Mealhada), Sines, Barreiro, Cacém, Abadia (Leiria), Vila Real, Oeiras, Amadora, S. Romão de Neiva, Vila do Conde, Queluz, Vieira de Leiria, Portimão, Nisa, Cascais, Gião e Crato.

Um mapa de Portugal!

● ALÉM FRONTEIRAS

Registamos, ainda, novos Assinantes da Beira e Lourenço Marques — República Popular de Moçambique. Mais Den Haag (Holanda); Danbuky Coun (U. S. A.); Kiel (Alemanha); Tourcoing, Ville Franche de Rouergue e Paris (França).

É tudo!

Júlio Mendes

VISITANTES

Era um grupo numeroso. «Somos... dezoito, entre jovens e gente madura.» Tudo mãos calejadas! Trabalhadores de uma Fábrica de Malhas, do Porto.

Chegaram extenuados. Trinta quilómetros a pé!

— Ó senhora..., mais um ano?!

— Este ano é mais...!

Os olhos riam.

Uma delas senta-se na mesa. Outra, num mocho. As outras resistem à nossa oferta.

— Temos de regressar no comboio das quatro! Aqui têm. Este ano é mais. São 3.400\$00. Passe-nos lá um papelinho pra darmos contas.

Passámos.

Depois, fomos pôr as contas do Jornal e da Editorial em ordem. Houve, ainda, quem se inscrevesse como assinante de «O GAIATO».

Entretanto, perguntámos se na Fábrica existe um centro de convívio.

— Não. Não temos!

— Mesmo assim vão levar uma colecção de livros da nossa Editorial e... V. fica a biblioteca. Está bem?

— Olhe lá; e se alguém quiser ficar com um deles?

— Faça o favor de nos pedir outro.

— E...

— Dará contas pró ano, se Deus quiser.

Trouxeram, ainda, uma trouxa de roupa limpa e dobrada. Conversámos alguns minutos

com o grupo. No íntimo de todos havia, como nunca!, uma ansia de paz:

— O que a gente quer é paz. Muita paz...

Foram minutos deliciosos!

A atitude e o comportamento destes Trabalhadores, que palmilharam religiosamente trinta quilómetros a pé, numa acção transcendente de amor e de fé, são um marco de Esperança!

Aliás, nestas visitas que são, diríamos, quase banais em nossa Casa, não há nenhuma que não traga a sua mensagem; nenhuma!

«O que a gente quer é paz. Muita paz...» — disseram-nos. E lá foram pró comboio. Alegres pelo dever — que se impuseram — cumprido.

Que o mundo ponha aqui os seus olhos. Sobre tudo os mais responsáveis. É a voz do Povo — de mãos calejadas.

Júlio Mendes



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE